



COLUNA DO HERÓDOTO

Jararaca na estrada



Heródoto Barbeiro (*)

A exploração foi feita em ritmo feroz. A exuberância da floresta vista desde o mar deixava ver a copa das árvores que durante uma certa época do ano produziam flores amarelas.

A beleza da árvore foi a sua perdição. De longe os exploradores identificavam o pau brasil e contactavam os índios para que o derrubasse. Algumas árvores eram tão grandes que o tronco vermelho chegava a 30 metros de altura. No primeiro século que portugueses e franceses se dedicaram a explorar o pau brasil derrubavam uma média de 50 árvores por dia, cerca de dois milhões de paus brasileiros foram cortados, picados, desganhados e embarcados para a Europa, via Portugal ou França.

Era a riqueza que os navegadores podiam colher, uma vez que não encontraram nem ouro, nem prata, nem qualquer outro mineral que fizesse fortunas. Cada navio levava cerca de 5 mil toras por viagem e em um único depósito haviam 100 mil estocadas aguardando transporte. Foi iniciada uma jornada que levou a árvore à beira da extinção, tal a quantidade de madeira extraída.

Assim a posse do Brasil se deu sob o signo do ataque desavergonhado na natureza e sem que alguém se dispusesse a pôr um parapeito na árvore que os índios chamavam de ibirapitanga.

Ao mesmo tempo que a Mata Atlântica perdia sua rainha, ela era considerada um estorvo para se implantar uma economia baseada na agricultura tropical. Com a instalação da indústria da cana de açúcar, especialmente na Bahia e Pernambuco, a floresta foi derrubada, incendiada e, aos trancos e barrancos, transformadas em áreas de plantação. Um método que se usa ainda hoje no Brasil em áreas do cerrado e da floresta amazônica, agora liderado pela soja e pelo gado.

Era uma política de terra arrasada, sem qualquer cuidado e guiada pela ânsia de conseguir produtos de exportação com bons preços no mercado mundial. Parte da floresta

litorânea foi deixada em paz por causa o relevo acidentado e mais dificultoso para a instalação dos latifúndios. Nem mesmo a expansão do café poupou a Mata Atlântica, foi derrubada ao longo de todo o vale do rio Paraíba do Sul, desde o Rio de Janeiro em direção a São Paulo.

Em busca de terras mais férteis o café derrubou a cobertura florestal do chamado oeste paulista produtor do que ficou conhecido na época do império e da república velha de ouro verde. Sem o ouro e a prata pilhados dos povos do Peru e da Bolívia, reservados para os espanhóis, a produção agrícola sustentou a jovem nação por, pelo menos, quatro séculos.

O que restou da Mata Atlântica sofre novas e impiedosas investidas. Com a aproximação das grandes cidades, caçadores, palmiteiros, catadores de samambaias e bromélias, xaxim, descobriram que eles valiam dinheiro. Lenha para aciaria, para fornos à carvão, e arranjos que tem bons preços nas floriculturas da moda. Os animais são vendidos, contrabandeados, ou simplesmente mortos ou pela arma de fogo ou pelos pneus das poderosas SUVs quatro por quatro.

Por que não passar por cima de uma jararaca que está estendida na estrada, ou atropelar um veado que escapou dos cães das propriedades de veraneio? A mais recente ameaça é a invasão das áreas protegidas, algumas de mananciais das grandes cidades e implantar loteamentos clandestinos. Todos têm o direito de ter uma chacinha e para isso o face book dá uma grande ajuda. Invasores e loteadores inescrupulosos picam os terrenos em pequenas propriedades e vendem com documentação. Geralmente um compromisso de compra e venda que os incautos acham que é uma escritura.

Pouco resta da Mata Atlântica que continua sofrendo a pressão das grandes cidades que estão a menos de 100 quilômetros do mar. É preciso que os que têm consciência ajudem a preservar o que resta, pressionem o Estado para primeiro educar e depois combater os atuais depredadores.

(*) - Âncora do Jornal da Record News, também ao vivo no Facebook, Youtube e R7.

Lady Di, os 20 anos da morte de uma princesa que comoveu o mundo

Os príncipes ingleses William e Harry lembraram ontem (31), de forma privada, sua mãe, a princesa Diana de Gales, cuja morte ocorrida há 20 anos comoveu o mundo e mergulhou o povo britânico em um luto coletivo sem precedentes na história do Reino Unido

Os príncipes, netos da rainha Elizabeth II, decidiram passar esta data recolhidos, após homenagear sua mãe em um recente documentário no qual falaram de seu legado e personalidade, e mostraram fotos inéditas da família.

Muitos britânicos se aproximaram ontem do Palácio de Kensington, onde a princesa residia em Londres, para depositar flores, cartões e ursos de pelúcia, como forma de manter vivo o seu legado de solidariedade e de lembrar sua influência no reinado de Elizabeth II. Uma das melhores amigas de Diana, Rosa Monckton, qualificou a princesa como uma "mulher realmente extraordinária" e uma pessoa que "rompeu barreiras e o mito de ser uma princesa de conto de fadas", em uma entrevista publicada ontem no jornal The Times.

Há 20 anos o Reino Unido amanheceu com a notícia da morte de Diana - divorciada do príncipe Charles e herdeiro da



Muita gente compareceu ontem ao Palácio de Kensington para homenagear Diana, a Princesa de Gales.

coroa britânica - em um acidente de carro em Paris, quando viajava com seu namorado na época, o empresário egípcio Dodi al Fayed, que também faleceu. A notícia do acidente chegou ao Reino Unido por volta de 1h (horário local), quando a princesa ainda estava com vida e hospitalizada, mas se sabia que ela tinha sofrido

ferimentos muito graves na cabeça. A confirmação da sua morte chegou cerca de duas horas depois através de fontes reais, enquanto William e Harry passavam férias com seu pai, o príncipe Charles, e seus avós - a rainha Elizabeth II e o duque de Edimburgo - no castelo escocês de Balmoral.

A partir daí crianças, adultos

e idosos, munidos de ramos de flores, começaram uma peregrinação de seis dias até os Palácios de Kensington e Buckingham para render homenagem a uma mulher da qual sentiam uma admiração que beirava a obsessão. Até o dia do funeral, em 6 de setembro de 1997 na Abadia de Westminster, o Reino Unido viveu seis dias que transformaram a monarquia, que era vista como distante e fria.

A histeria coletiva provocada pela morte de Diana forçou Elizabeth II a romper seu silêncio para viajar da Escócia ao Palácio de Buckingham, de onde saiu caminhando para ver o mar de flores, um ato sem precedentes e que surpreendeu a todos. Forçada a responder diante de tanta tristeza, a soberana se colocou em frente a uma câmera de televisão e transmitiu ao vivo uma mensagem à nação para manifestar, "como vossa rainha e como avó", seu profundo pesar pela morte de Diana de Gales (Agência EFE).

Asteroide gigante passará hoje pela Terra



O Florence não deverá retornar às imediações do planeta até outubro de 2024.

Um asteroide de mais de 4 km de diâmetro vai passar pela Terra hoje (1), segundo a Nasa. Chamado de "Florence", ele é o maior já registrado pela agência. Mas a Nasa garante que o asteroide não apresenta riscos. O Florence foi descoberto em março de 1981 e passará pela Terra a uma distância de sete milhões de quilômetros.

"É o maior objeto celeste a passar tão perto do nosso planeta desde a descoberta do primeiro asteroide nas proximidades da Terra, há mais de um século.", confirmou a Nasa em seu site. Segundo Paul Chodas, responsável pelo Centro para o Estudo de Objetos Próximos à Terra, da Nasa, "muitos asteroides conhecidos cruzaram a Terra com uma distância mais curta do que fará o Florence, porém, todos eles eram menores".

Os cientistas da Nasa também planejam estudar o asteroide durante sua passagem, utilizando poderosos telescópios na Califórnia e em Porto Rico. "As imagens resultantes devem permitir determinar as dimensões exatas do asteroide e também revelar os detalhes de sua superfície com uma precisão de 10 metros", comentaram. O Florence não deverá retornar às imediações do planeta até outubro de 2024, afirmou a Nasa (ANSA).

Brasileiro cruza a Europa correndo em campanha contra a obesidade

Com o objetivo de conscientizar a população sobre a obesidade infantil, o ultramaratonista belgo-brasileiro Ralph Mesquita se propôs a atravessar a Europa correndo e deve chegar hoje (1º) à Espanha, o último país da missão, após percorrer mais de 4 mil km pelo continente. "Busco mostrar a crianças que é possível mudar e ter um estilo de vida saudável", afirmou Mesquita, nascido em Campinas. De acordo com a OMS, um terço das crianças europeias sofre de obesidade ou sobrepeso.

O atleta e a equipe de profissionais que o acompanha iniciaram o percurso de 5,3 mil km de corrida em Cabo Norte, na Noruega, e deverão finalizá-lo menos de 80 dias depois em Punta de Tarifa, na província de Cádiz, o ponto mais ao sul da Europa. Após entrar na Espanha pela região autônoma de Navarra, o corredor prevê atravessar em 13 dias as províncias de Soria, Madri, Toledo, Ciudad Real, Córdoba, Sevilha e Málaga para terminar na província de Cádiz.

Mesquita tem 25 anos e há cinco tinha sobrepeso. "Quando tinha 20 anos, comecei



Ralph Mesquita percorrerá 5,3 mil km correndo.

a correr e a perder peso, e o esporte me permitiu mudar de hábitos", disse o atleta, que é fundador da ONG Eurocross for a Cause (Cruze a Europa por uma Causa). Entre os desafios superados durante o trajeto, o corredor destacou os 800 km percorridos em uma estrada da Suécia, feito que considerou "bastante perigoso". Além disso, apontou o calor no centro da França, o mesmo que ainda pode enfrentar na Espanha e que é visto como um "obstáculo a ser superado".

"Teremos de cruzar o país e não será fácil", acrescentou o atleta, que ainda tem 1.015

quilômetros de território espanhol pela frente e que troca de equipe de apoio a cada duas ou três semanas por conta da intensidade do esforço.

Depois de alcançar a meta em Tarifa, Ralph Mesquita quer compartilhar a experiência e conscientizar as crianças por meio de palestras educativas em escolas e outras instituições voltadas ao público infantil. Mesquita já passou pela Noruega, Finlândia, Suécia, Dinamarca, Alemanha, Holanda e Bélgica, e neste momento se encontra na França (Nayara Batschke/Agência EFE).

Crise econômica diminui geração de lixo pela primeira vez em 13 anos

A geração de lixo no Brasil reduziu 2,04% em 2016 na comparação com 2015, segundo panorama divulgado ontem (31) pela Associação Brasileira das Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais (Abrelpe). Foram gerados 78,3 milhões de toneladas de resíduos sólidos no ano passado. Carlos Silva Filho, presidente da Abrelpe, não atribuiu a redução do lixo à conscientização ambiental da população, mas à crise. "É a primeira vez que temos decréscimo de resíduos sólidos no Brasil desde 2003, fruto da crise econômica, que afetou diretamente o poder de compra da população e trouxe, como consequência, o menor descarte de resíduos sólidos".

Outro aspecto negativo atribuído à recessão econômica foi o aumento do uso de lixões, com 2.976 ainda presentes em todo o país. Tiveram destinação inadequada, em 2016, 81 mil toneladas de lixo. O uso de lixões a céu aberto cresceu de 17,2% em 2015 para 17,4% no ano passado. Os aterros controlados, que ainda existem no país, são semelhantes a lixões, por vezes cercados, com cobertura de



Foram gerados 78,3 milhões de toneladas de resíduos sólidos no ano passado. Na foto, lixo no Rio de Janeiro.

terra para esconder os resíduos, mas sem captação de gás e chorume. Houve ligeiro aumento, passando de 24,1% em 2015 para 24,2% no ano passado. O tratamento de lixo ideal, em aterro sanitário, feito em ambiente confinado para reduzir o volume de resíduos conforme os anos, caiu de 58,7% para 58,4%.

Segundo o panorama, 96 milhões de pessoas terão a saúde afetada por contaminação dos lixões. "São doenças como alergias, infecções es-

tomacais, doenças causadas por vetores que se proliferam no lixo como dengue, zika, chikungunya, câncer, pressão arterial. Bastante preocupante". A coleta seletiva no Brasil estava presente em 69,3% em 2015, e registrou ligeiro aumento em 2016, passando a 69,6%. Entre as regiões brasileiras, o Sul foi o que mais implementou coleta seletiva (89,8%), seguido pelo Sudeste (87,2%), Norte (58,4%), Nordeste (49,6%) e Centro-Oeste (43,3%) (ABR).

Empresas & Negócios	José Hamilton Mancuso 2003/2017
Diretora Administrativa-Financeira Laurinda M. Lobato DRT/SP 48681 laurinda@netjen.com.br	Webmaster e TI: VillaDartes
Editora Laura R. M. Lobato De Baptisti DRT/SP 46219	Editoração Eletrônica Ricardo Souza Walter de Almeida
Marketing J. L. Lobato lobato@netjen.com.br	Impressão LTJ- Gráfica Ltda
Diretora Comercial Lilian Mancuso lilian.mancuso.jen@gmail.com	ABRARJ Associação Brasileira de Revistas e Jornais Matrícula, SP-555
Colaboradores	
Andressa Thomaz Antônio Delfim Netto Armando Rovai Cicero Augusto Cláudio Tomanini Eduardo Moreira Geraldo Nunes J. B. Oliveira	Dr. Lair Ribeiro Leslie Amendolara Luíz Flávio Borges D'Urso Mario Enzo Bellio Junior Ralph Peter Rosângela Demetrio Sandra Falcone Sergio Valezin
Jornal Empresas & Negócios Ltda CNPJ: 05.687.343/0001-90 - Registro na JUCESP sob NIRE 35218211731 em 06/06 de 2003 e matriculado no 3º Registro Civil da Pessoa Jurídica sob nº 103 Administração, Publicidade e Redação: Rua Boa Vista, 84 - 9º Andar - Conj. 909 Cep: 01014-000 - Tel: 3106-4171-FAX: 3107-2570 - e-mail: netjen@netjen.com.br - site: www.netjen.com.br	
Auditoria de tiragem: Cokinos Auditores e Consultores	COKINOS
<small>Serviço informativo editorial fornecido pela Agência Estado e Agência Brasil. Artigos e colunas assinados são de inteira responsabilidade de seus autores, que não recebem remuneração direta do jornal.</small>	

Empresas & Negócios
netjen@netjen.com.br
www.netjen.com.br

Leiloeiros, utilizem nosso espaço para suas publicações. Consulte sua agência de confiança, ou ligue para 3106-4171